

# Revista cogitare

ISSN 2595-8895  
(ONLINE)  
VOL. 05 – N. 01 –  
JUNHO 2022

DOSSIÊ:

D  
I  
A  
L  
O  
G  
A  
N  
D  
O



P  
A  
U  
L  
O  
F  
R  
E  
I  
R  
E

COM

**NOVOS DESAFIOS PARA UM NOVO TEMPO**

ORG. DO EVENTO: JOSÉ ALEX TRAJANO DOS SANTOS



**INSTITUTO FEDERAL**  
São Paulo  
Câmpus Matão

## Saberes SULEados: escritas e leituras de mundos com Paulo Freire

Marcio D'Olne Campos<sup>1</sup>

**Resumo:** A criação da Proposta SULEar, por oposição ao termo NORTEar, termo esse que ao contrário de sulear, integra dicionários da língua portuguesa, causa muitos problemas na construção de conhecimentos, sobretudo, no uso e da elaboração de noções de espaço e orientação espacial, tanto no Hemisfério Sul quanto em andarilhagens pelo Hemisfério Norte. Os ensinamentos e regras de orientação, assim como na forma de construção de artefatos e instrumentos de ensino como globos e mapas de origem no Norte não servem para o Sul e, no entanto, aqui chegam causando confusas inadequações. Esses problemas que parecem se restringir a questões de sala de aula, se estendem a muitos outros contextos e áreas do conhecimento. Nesse sentido, para além da educação formal e da educação propriamente dita, essas reflexões abrangem questões de ordem ideológica e geopolítica, assim como sociológicas e antropológicas, incluindo os problemas da subalternidade e da antinomia inclusão/exclusão nos dois hemisférios.

**Palavras-chave:** SULEar; decolonialidade; leitura de mundos; orientação espacial; referenciais.

### Introdução

A orientação espacial e sua relação com os quatro pontos cardeais foi sempre mal ensinada e mal apreendida, pelo menos no que se percebe no Brasil. Essa precariedade parece ter origem nas escolas com o pouco uso de mapas e globos terrestres, assim como repercutir nas práticas do espaço<sup>2</sup> desde o nível fundamental até a idade adulta durante o cotidiano de nossas vidas.

Uma das raízes do problema está nos primeiros anos do ensino fundamental quando se relaciona o nosso corpo, sobretudo os braços e mãos que apontam o Sol nascente no horizonte para assim articular coerentemente o Sol ao nascer, o corpo e os quatro pontos cardeais.

Certa vez, eu trabalhava com professoras e professores em Faxinal do Céu no interior do Paraná e, quando cheguei um pouco antes das oito horas quando começaria a atividade, encontrei uma só professora sentada à espera recendo os primeiros raios do Sol que entravam através da porta esquerda da sala e incidiam sobre ela. Aproveitei para pedir que me indicasse

<sup>1</sup> Departamento de Antropologia (IFCH) UNICAMP e Proposta SULEar, mdolnecampos@sulear.com.br

<sup>2</sup> Sobre ‘práticas do espaço’ e a vida cotidiana, vale percorrer a abordagem interdisciplinar no excelente livro de Michel de Certeau (1998) **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Nele há várias abordagens interessantes entre seções e capítulos como: ‘Estratégias e táticas’, ‘Caminhadas pela cidade’, ‘Relatos de espaço’ (espaços e lugares), ‘Percurso e mapas’.

o sentido da direção norte. Obtive a resposta imediata da professora apontando à sua frente e explicando que o sentido norte é aquele à nossa frente quando, de fato, à sua frente estava o sentido do sul como indica a rosa dos ventos da Figura 2. A resposta poderia significar que qualquer que fosse o sentido da nossa visão, portanto, num giro de 360°, nós sempre estaríamos mirando para o norte. Evidente que esse é um dos efeitos nocivos da importação pura e simples das práticas de ranço eurocêntrico do Hemisfério Norte, as quais não servem aqui no Sul onde vivemos e, portanto, são mal assimiladas porque nem sequer são problematizadas.

Sabemos que a Mafalda de Quino sempre nos ajuda a seguir problematizando impasses como o descrito acima que se agravam com uma educação autoritária e não dialógica e libertadora – bancária no dizer de Paulo Freire (FREIRE, 1992) - como evoca a tira da Figura 1.

Figura 1 – O Sol nasce...



Fonte: Oliveira, 2020

Numa educação libertadora, segundo Freire, problematizar e dialogar dentro da relação educador-educando é fundamental para a superação dos obstáculos a que se leia o mundo conhecendo-o e construindo conhecimento. Isso requer que se problematize recorrentemente e por toda vida, destacando tudo o que pode parecer óbvio e tacitamente aceito como certo e resolvido, para desvelar aspectos que embora parecessem óbvios, não foram suficientemente reconsiderados e repensados. Essas questões são também abordadas sinteticamente em 'Paulo Freire entre a boniteza do ato de amar e a boniteza do ato de educar', Capítulo 10 de um belo livro criado e editado por Ana Maria "Nita" Araújo Freire no qual vários autores percorrem o termo e a própria boniteza, explícita e implícita na obra de Paulo Freire (CAMPOS, 2021a) <sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Na leitura deste Capítulo 10 (CAMPOS, 2021a) sugiro, sobretudo a leitura complementar das três seções: "A dialogicidade está nas táticas e na construção social dos espaços" (p. 204), "A importância do erro no processo pedagógico" (p. 221) e "O óbvio que não foi pensado" (p. 228).

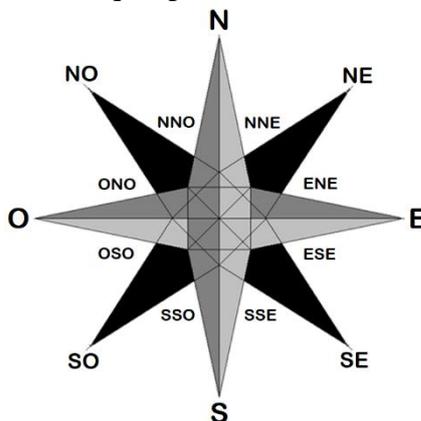
A maneira como se educa e prática orientação espacial no ensino fundamental em nosso país e o modo como isso repercute nas práticas do espaço no cotidiano e mesmo em experiências durante viagens para o Hemisfério Norte, faz com que muita gente chegue de Nova Iorque, por exemplo, reclamando do reticulado das ruas da Ilha de Manhattan. Estas ruas, além de numeradas, recebem o aposto leste ou oeste (E ou W) por serem divididas em dois conjuntos, grosseiramente a leste e a oeste de cada um dos lados de um quase-meridiano desviado de um ângulo de 29° para leste da direção norte-sul. Com este “meridiano” estão alinhadas as importantes avenidas paralelas ao sentido longitudinal do retângulo do Central Park. Como comenta Geoff Manaugh (2007):

Acontece que a grade de ruas matematicamente racional de Manhattan é, na verdade, girada 29° fora do eixo norte-sul [no sentido horário] - e este ângulo tem efeitos colaterais astronômicos interessantes (MANAUGH, 2007).

Do exemplo de Nova Iorque e o de outras pessoas que vivenciam outras cidades do Hemisfério Norte, nota-se que elas voltam ao Sul reclamando da incapacidade de se orientar via pontos cardeais, tanto lá quanto aqui, nosso local onde deveriam ter sido formadas para enfrentar e superar esses obstáculos. Lembremos que para orientarmo-nos no Hemisfério Norte, basta o Sol do amanhecer e apenas a estrela Polar durante a noite. Estrela essa que por ser quase coincidente com o polo norte celeste, facilita muito o ato de NORTEar-se à noite. Basta apontá-la e baixar o braço até o chão onde pisamos para se ter à nossa frente o sentido do norte geográfico. É interessante o fato que alguns grupos indígenas que notam a permanência da Estrela Polar no lugar em que o eixo polar “fura” o céu, denominam essa estrela como “a estrela que nunca se move”.

Já para ORIENTAR-se durante o dia no Hemisfério Norte, aponta-se a mão direita para o Sol nascente no lado leste ou do Oriente e assim tem-se à frente o sentido norte do qual se deduz os outros pontos cardeais presentes na rosa-dos-ventos como na Figura 2, página a seguir.

**Figura 2** - Rosa-dos-Ventos cujo desenho deveria ter origem no Norte, pois o norte aponta para cima e, se tentássemos invertê-la, as letras indicativas estariam inadequadas. Vale aqui o alerta de que só faz sentido usá-la no plano horizontal em concordância com os pontos cardeais, o horizonte no qual pisamos, Sol e estrelas e/ou a bussola



Fonte: Ramos (2021)

O grande problema, para nós do Sul, é que essa regra prática que se baseia em apontar o Sol nascente com a mão direita e conseqüentemente numa postura corporal de frente para o Norte não nos serve no Sul, criando uma discordância entre as orientações noturna e diurna.

Problemas como esse mencionado e outros de maior abrangência educacional e geopolítica que consideraremos nesse texto, nos levaram a criticar a regra que só é prática para se NORTEar no Norte e propor uma regra que fosse prática para se SULear com o nosso céu noturno do Sul, à condição que a regra fosse coerente com a ORIENTAção diurna pelo Sol nascente.

Cunhei o termo SULear em 1991 e um ano depois ele foi usado por Paulo Freire no livro “Pedagogia da Esperança” (FREIRE, 1992, p. 24, p. 218), acompanhado pela nota explicativa número 15 que elaborei junto com Ana Maria “Nita” Araújo Freire para o final do livro na página 218<sup>4</sup>. Por um lado, SULear refere-se a modos locais e socioculturais para orientar-se no espaço de nossos horizontes do Hemisfério Sul. Estes não dispõem de algo como a Estrela Polar, mas sim da constelação do Cruzeiro do Sul que nos impede de nos desNORTEar. Por outro lado, SULear integra aspectos ideológicos e geopolíticos consolidando algumas formas de resistência à importação pura e simples de saberes, comportamentos e regras do NORTE, sem ao menos problematizar se esses saberes podem ser apropriados a nós ou se devemos enfrentar os desafios de, através de um ponto de vista local ou até nativo, construirmos novos

<sup>4</sup> Ver alguns detalhes e links no início da seção “Curtas” do site SULear sob o título ‘Paulo Freire adere ao SULear’: Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/curtas>. Acesso em: 8 dez. 2021.

e nossos saberes SULEados por reflexões, práticas locais e sentipensares<sup>5</sup> a partir do, para o e próprios do Sul (CAMPOS, 2019; PORTO-GONÇALVES, 2019; ESCOBAR, 2019; CAMPOS, 2019a, 2021b, 2021c; BAEZ LANDA, 2019).

O filósofo argentino Arturo Andrés Roig (ROIG, 2002) nos alerta convenientemente sobre a importância dessas considerações: *"Las palabras "Norte" y "Sur" no son únicamente categorías geográficas, son también y principalmente categorías culturales y políticas ..."*.

Reforçando o que escreveu Roig (ROIG, 2002), o amigo, antropólogo mexicano, Mariano Baez Landa, integrante da Equipe da Proposta SULEar, salienta esse argumento com muita perspicácia na seção do sítio SULEar<sup>6</sup>:

O SUL não é somente um referente histórico e geográfico, mas pode converter-se numa ferramenta para produzir conhecimentos diferentes e relações sociais, interculturais, simétricas, emancipadoras dentro da diversidade humana. Construir esse SUL, evitando qualquer tipo de hegemonia e relações de poder, implica pensar para além das etnias, as culturas, as raças, as religiões, as fronteiras e conviver com a grande diversidade humana. Pensamos um SUL que não só localiza povos inteiros geograficamente, como também engloba aqueles que vivem numa condição marginal e subalterna dentro do próprio Hemisfério Norte (BAEZ LANDA, 2021)

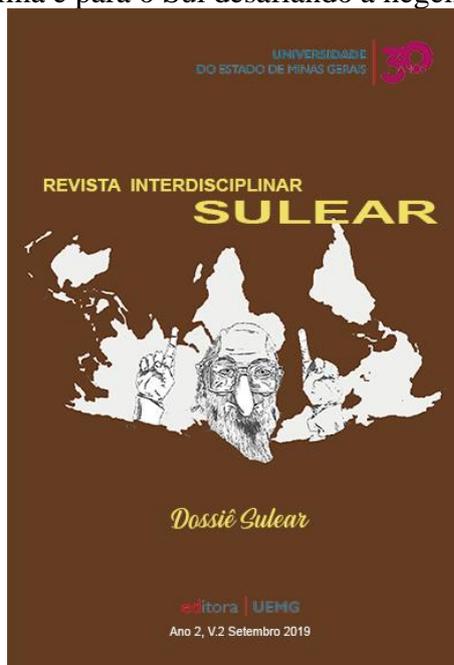
Sobre SULEar, recomendo o verbete de mesmo nome na Wikipedia que foi escrito pelo amigo linguista Antônio Carlos Silva Júnior, assim como os vários artigos do Dossiê Sulear, editado por mim e publicado na edição do ano 2, número 2 da Revista Interdisciplinar Sulear (CAMPOS, 2019)<sup>7</sup>. Essa revista existe desde 2018 e a Figura 3 mostra a capa do Dossiê Sulear cuja ilustração transmite muito bem o significado do termo SULEar em relação às antinomias Norte/Sul e acima/abaixo. O nosso Patrono da Educação Brasileira contraria o Norte acima na maioria dos mapas apontando para cima e para o SUL.

<sup>5</sup> Sentipensar é um termo desenvolvido pelo antropólogo colombiano Arturo Escobar a partir dessa palavra/noção recolhida pelo cientista social e educador colombiano Orlando Fals Borda no diálogo com um camponês no interior da Colômbia (ESCOBAR, 2014).

<sup>6</sup> A descrição da Equipe SULEar está disponível em <<https://sulear.com.br/beta3/marcio-dolne-campos/>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

<sup>7</sup> Verbetes Sulear: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sulear>. O 'Dossiê Sulear' contém 12 artigos numa perspectiva interdisciplinar sobre o tema publicados na Revista Interdisciplinar Sulear, ano 2, n. 2. setembro/2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/issue/view/277>. Acesso em: 9 set. 2021.

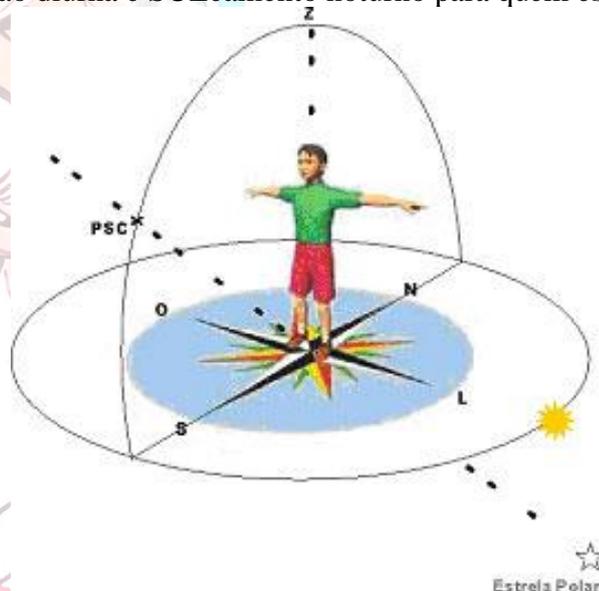
**Figura 3** - Capa do Dossiê Sulear publicado na Revista Interdisciplinar Sulear. Paulo Freire aponta para cima e para o Sul desafiando a hegemonia do Norte



Fonte: CAMPOS, 2019

A regra de orientação espacial que seria prática para o Hemisfério Sul – embora ainda não usada nem ensinada no Brasil – pediria que apontássemos a mão esquerda para o Sol nascente para nos ORIENTARmos. Agora sim! À noite, olhando no sentido sul, podemos observar a constelação do Cruzeiro do Sul que nos é conveniente para o ato de SULEar-se como na Figura 4.

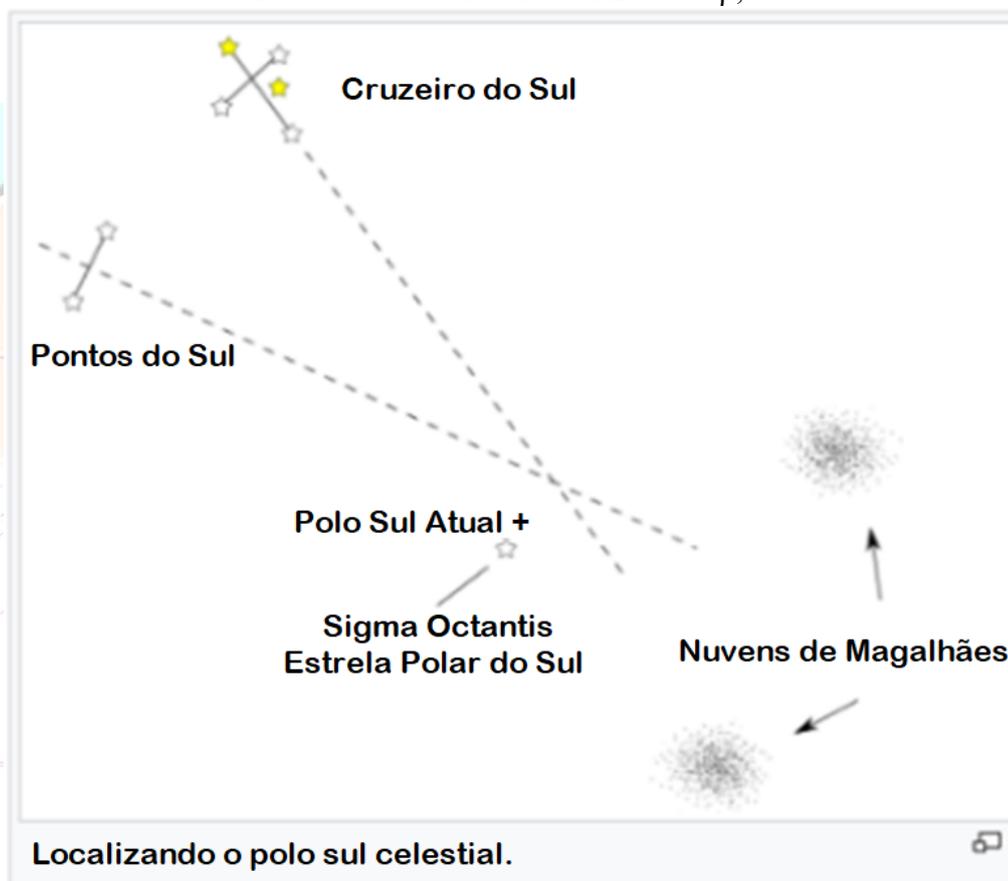
**Figura 4** - ORIENTAção diurna e SULEamento noturno para quem estiver no Hemisfério Sul



Fonte: Acervo do autor

SULear-se pelo Cruzeiro do Sul pode ser feito de várias maneiras. Uma das mais comuns baseia-se no prolongamento do comprimento do segmento de reta correspondente ao braço maior da cruz por  $4 \frac{1}{2}$  vezes essa distância para chegar-se assim ao PSC. Outro modo muito prático parte do fato que as estrelas  $\alpha$  e  $\beta$ , *Centauri* e  $\beta$  e  $\delta$ , *Cruxis* - essas últimas que formam o braço menor do Cruzeiro – estão inscritas num círculo centrado no PSC. Logo, o prolongamento do braço maior da cruz e o da mediatriz do segmento de reta entre  $\alpha$  e  $\beta$ , *Centauri* encontram-se no Polo Sul Celeste (PSC) como na Figura 5. O movimento de rotação do Cruzeiro do Sul em torno do PSC é mostrado na Figura 6, página a seguir, reforçando a necessidade do uso dos dois métodos acima passando pelo PSC para determinar o sentido do sul geográfico.

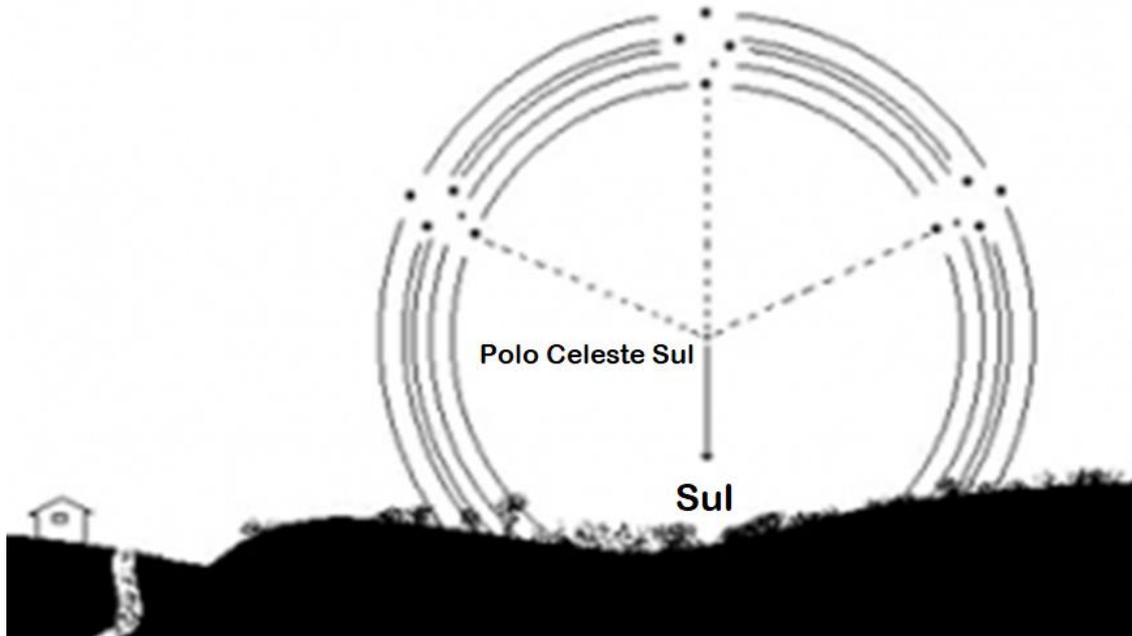
**Figura 5** - Encontro próximo ao PSC do prolongamento do braço maior ( $\gamma$ - $\alpha$ ) do Cruzeiro do Sul com a mediatriz de  $\alpha$  e  $\beta$ , *Centauri*



Fonte: Ver nota de rodapé<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Fonte da Figura 5: Adaptado de verbete “Crux” da Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Crux>. Acesso em: 9 dez. 2021.

**Figura 6** - Rotação no sentido horário do Cruzeiro do Sul em torno do PSC em consequência da rotação da Terra em torno do eixo polar no sentido anti-horário. Uma vez encontrado o PSC basta baixar a partir dele uma vertical para o sentido sul geográfico



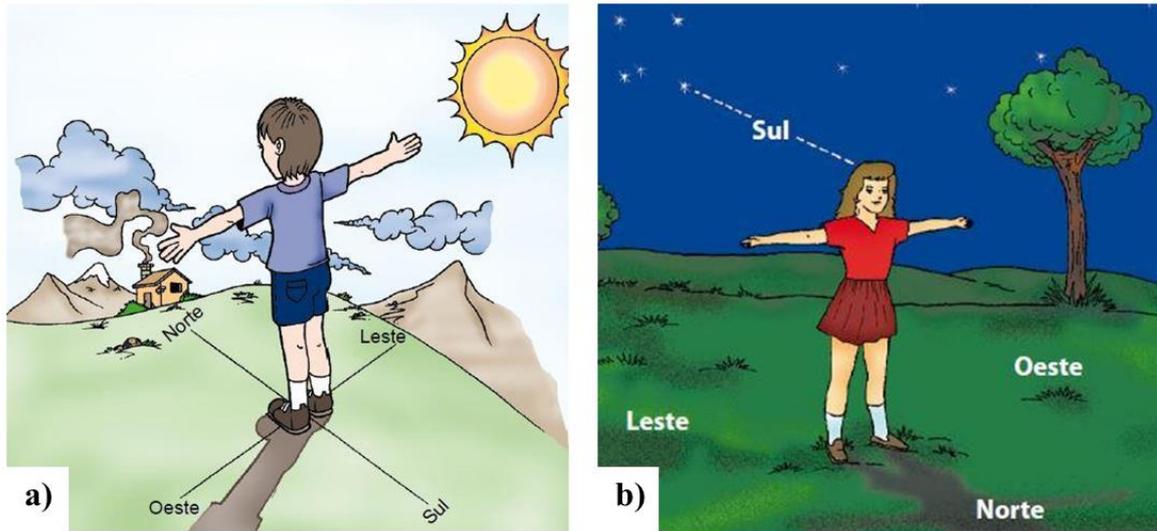
Fonte: Ver nota de rodapé<sup>9</sup>

Embora pareça incrível, na educação fundamental brasileira as considerações acima são quase inexistentes. A regra que só é prática no Hemisfério Norte parece ser assumida como se fosse uma teoria universal e, portanto, ela surge por absurdo para que nos NORTEemos no Hemisfério Sul. Apesar de aparecer pouco nas práticas escolares por sua difícil assimilação e experimentação, essa regra do Norte, impossível de se praticar aqui, é muito referida nos livros didáticos e nas páginas de ensino e reforço existentes na internet.

As Figuras 7 a) e b), página a seguir, exemplificam a desastrosa importação da regra do Norte para o Sul que resulta num ensino precário e inútil sobre pontos cardeais e orientação espacial. São maus exemplos de como não nos devemos orientar de dia e de noite (MOUTINHO, 2021).

<sup>9</sup> Fonte da Figura 6: ‘Movimento do Cruzeiro do Sul durante uma noite’. In: SOUZA, Tamires Cristina de, Painel do Cruzeiro do Sul (pdf), CDA (Centro de Divulgação da Astronomia - Centro de Divulgação Científica e Cultural – USP, São Carlos), 9 de junho de 2015. Disponível em: <http://200.144.244.96/cda/jct/cruzeiro-sul/index.html>. Acesso: 9 dez. 2021.

**Figura 7** - a) NORTEado mas desnorteado ao amanhecer no Sul;  
b) NORTEada mas desnorteada à noite no Sul



Fonte: Moutinho, 2021

Percebe-se na Figura 7 a) que ao contrário do que propusemos acima, quando o menino aponta o Sol nascente com a mão direita, na sua frente ele tem o Norte. Isso se agrava quando para a noite é apresentado nesse sítio “Cola da Web” o desenho da Figura 7 b) que compõe uma seção de título “Orientação pelo Cruzeiro do Sul”. Este é acompanhado pelo texto impreciso, puramente descritivo e que quando deveria trazer uma recomendação é demasiado inconsistente:

O Cruzeiro do Sul é uma constelação formada por cinco estrelas principais com o formato de uma cruz. A estrela que se encontra na extremidade inferior da cruz é a Estrela de Magalhães e indica o sul, por meio do qual se podem encontrar os outros pontos cardeais. (MOUTINHO, 2021).

Em primeiro lugar, a Estrela de Magalhães ( $\alpha$ , Crucis) por si só não indica o sentido do sul como mostra a Figura 7 b). É o segmento  $\gamma$ - $\alpha$  orientado no sentido centro do círculo encontrável pelas regras descritas acima, como a da Figura 5, que permite, apontando-se esse centro que é o PSC, que se baixe uma perpendicular até o horizonte para que só então, se possa direcionar o olhar no sentido do sul geográfico. Portanto, não é a partir da Estrela de Magalhães que se pode deduzir os outros pontos cardeais, mas sim a partir do Polo SUL Celeste.

Em segundo lugar e mais absurdo ainda, é que a menina é colocada na insistente posição de frente para o Norte, para imitar a posição do menino do dia e manter-se apontando com a mão direita o nascente, ou o leste, à noite. Para contornar esse absurdo, resulta que a Figura 7 b) mostra uma reta pontilhada que sai da parte de trás da cabeça da menina até a Estrela de

Magalhães ( $\alpha$ ) — local onde ela não tem olho. Essa menção à estrela  $\alpha$  representada na Figura 7 b) continua errada para qualquer orientação. O que importa é o segmento de reta  $\gamma$ - $\alpha$  do eixo maior da cruz e não a estrela  $\alpha$ . A Figura 6 nos indica momentos nos quais o segmento  $\gamma$ - $\alpha$  aparece mesmo paralelo ao plano do horizonte, assim como outros momentos nos quais ele aponta para o céu. Portanto, o que importa para se SUlear é baixar o indicador ou imaginar uma perpendicular ao horizonte trazida a partir do ponto imaginário do Polo Sul Celeste (PSC).

As dificuldades de problematização assimilação de noções e uso do espaço, encontram outras dificuldades com a contextualização como na maneira como são confeccionados alguns artefatos necessários à construção de conhecimentos sobre astros, espaços e lugares, a exemplo de globos, mapas terrestres, relógios de Sol e montagens de telescópios (RONAN, 1982; 1981)<sup>10</sup>.

### Globos, mapas e escalas

Os globos terrestres e os mapas dos quais dispomos no Brasil, embora tenham os nomes escritos em português, têm uma característica muito comum pela qual os nomes de cidades, estados e países aparecem escritos num alinhamento horizontal que nos sugere existir o alto e o baixo do texto como numa folha escrita de papel. Isto é de suma importância, pois esses mapas são em geral produzidos com o sentido norte para o lado de cima da folha sugerido pelo próprio texto dos nomes, o que gera um desvio de função dos mapas pelo desejo de pendurá-los como quadros numa parede. Estes, apesar de representarem um território, ainda que podendo representar o relevo terrestre, têm e deveriam ter sempre o plano do horizonte como base. Donde se conclui que mapas devem ser lidos dispostos num plano horizontal e, de preferência, orientados para que se estabeleça uma coerência de orientação entre, por exemplo, os meridianos (S-N) respectivos do mapa e do lugar ou a paisagem na qual pisamos. Essa orientação do mapa, para que esteja em conformidade com o horizonte no qual pisamos, pode ser feita com o auxílio do Sol nascente, do Cruzeiro do Sul ou de uma bússola para alinhar assim os meridianos (S-N) do mapa e os meridianos imaginários próprios do lugar. Caso o mapa seja em escala maior, por volta de 1:5.000, caso no qual pode ser representado o traçado das ruas, pode-se também escolher a rua mais próxima conhecida e alinhar a rua propriamente dita com a mesma rua representada sobre o mapa.

<sup>10</sup> O livro de Colin A. Ronan é básico e introdutório em astronomia e está repleto de ilustrações interessantes. Embora produzido para o Norte, vale a pena considerar.

É importante entender e saber escolher as escalas de um mapa, dependendo do que se quer ver representado e analisar. O Atlas Geográfico Escolar do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016, p. 25) contém uma boa síntese sobre ‘Escala’ com o texto explicativo reproduzido a seguir e exemplos de mapas em diversas escalas entre 1:50.000, 1:100.000, 1:250.000 e 1:1.000.000 <sup>11</sup>:

Os cartógrafos trabalham com uma visão reduzida do território, sendo necessário indicar a proporção entre a superfície terrestre e a sua representação. Esta proporção é indicada pela escala. A escala representa, portanto, a relação entre a medida de uma porção territorial representada no papel e sua medida real na superfície terrestre. As escalas são definidas de acordo com os assuntos representados nos mapas, podendo ser maiores ou menores conforme a necessidade de se observar um espaço com maior ou menor nível de detalhamento. A escala pode ser representada numérica ou graficamente. A escala numérica indica a relação entre as dimensões do espaço real e do espaço representado, por meio de uma proporção numérica. Por exemplo, numa escala 1:100 000, 1 centímetro medido no mapa representa uma distância de 100.000 centímetros ou 1 quilômetro na superfície terrestre. A escala gráfica é a representação gráfica de distâncias do terreno sobre uma linha reta graduada. É constituída de um segmento à direita de referência zero, conhecido como "escala primária", e de outro à esquerda, denominado "talão" ou "escala de fracionamento, dividido em submúltiplos da unidade escolhida, graduados da direita para a esquerda. Na escala gráfica, não há necessidade de transformação matemática de centímetros para quilômetros ou metros. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016, p. 25).

Reproduzimos na Figura 8 as figuras correspondentes às duas escalas extremas, a maior e a menor, entre as quatro referidas acima. É importante lembrar que uma “escala maior” é aquela que representa ampliado em maior detalhe o lugar em que estamos, apesar do denominador da razão ser um número menor, como em 1:50.000 na Figura 8. Em nossos deslocamentos usando um mapa de cidade as escalas são da ordem de 1:5.000 a 1:10.000. Já as escalas menores têm um número maior denominador da razão como as de 1:1.000.000, pois dividem 1 por um número grande e reduzem a representação do mundo para, por exemplo, um mapa-múndi como no caso dos planisférios que mostram uma representação plana da quase-esfera do Planeta Terra.

<sup>11</sup> Escalas maiores da ordem de 1:10.000 permitem ver os traçados das ruas. Em geral se estima que “As escalas de 1:20.000 até 1:250.000 reproduzem cartas topográficas; menor que 1:500.000 são chamadas de escalas corográficas (visão de uma região); menores que 1:1.000.000 representam mapas e as cartas gerais de escalas menores (1:205.000.000) podem atingir o mundo e são chamadas de planisférios.” Disponível em GEOBAU, página de Marcos Bau Brandão, sob o título ‘Escala e Projeções Cartográficas’ em <http://marcosbau.com.br/geogeral/escala-e-projecoes-cartograficas/>. Acesso em: 14 dez 2021.

**Figura 8** - À esquerda, a escala 1:50.000 permite ver o quadriculado das ruas cujos nomes aparecem alinhados com seu percurso como nos mapas que usamos para nos deslocarmos numa cidade com escalas que em geral são de 1:10.000. Ao passar para a escala menor 1:1.000.000, a mancha que representava Cornélio Procópio (PN), assim como outras cidades, foi reduzida a um ponto que, como sabemos, não tem dimensão



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016, p. 25

Nas escalas de mapas usados nos deslocamentos urbanos, como a da Figura 8 à esquerda, os nomes respectivos das ruas se estendem ao longo de suas direções no mapa e que por isso têm definidos um setor superior e um setor inferior, abaixo. Portanto, no mapa da figura 8 à esquerda os nomes não se alinham horizontalmente como neste texto que escrevemos aqui nessa página. Isso acontece em escalas menores como a do mapa à esquerda no qual ainda se percebe traços das ruas. A partir desse em 1:50.000, passando-se a escalas maiores como a 1:1.000.000 na figura à direita, a mancha urbana reduziu-se e se transformou apenas num ponto sem dimensões comum a todas as cidades para essas escalas menores. Com isso os nomes das cidades como pontos aparecem agora todos num alinhamento horizontal. Ao contrário como, no outro exemplo da Figura 9 em escala maior, esses nomes percorrem o mapa em diversas direções ao longo de cada uma das ruas.

**Figura 9** - Setor de Cornélio Procópio (PR) mostrando direções diversas dos nomes das ruas que se alinham com suas respectivas direções. A escala não foi citada, mas parece estar por volta de 1:5.000



Fonte: Acervo do autor

Do que escrevemos sobre bússolas e mapas, fica evidente que de forma exclusiva, para se usar um mapa convenientemente este deve estar num plano tão horizontal como aquele do lugar onde pisamos. Quando vimos que entre as duas escalas da Figura 8, a cidade reduziu-se a um ponto, desapareceu qualquer coerência entre os nomes de ruas e os nomes de cidades. Enquanto para escalas maiores como a da Figura 9, o “texto” faz sentido por ter as direções dos nomes condicionadas ao percurso das ruas, em qualquer outra escala menor do que 1:1.000.00, a nomenclatura perde o sentido de orientação pelas ruas e ganha um sentido horizontal para qualquer nome de cidade. De certa forma, isso reafirma o Norte como referência universal, pois a “escolha universal” no texto alinhado é a do Norte acima ou o norte no sentido do alto da folha do mapa. Isso é tão significativo e condicionante que há sempre forte tendência para os mapas nas escalas de cidades-pontos serem pendurados nas paredes como quadros. Destrói-se assim qualquer possibilidade de orientação, pois isso não faz sentido e nem o uso de bússolas que só funcionam num plano horizontal.

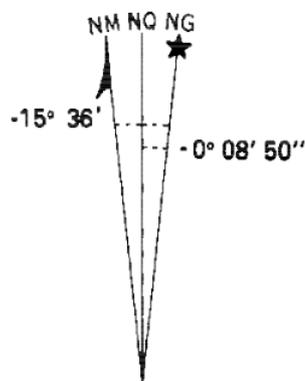
Por essas considerações podemos dizer que um território, seja ele montanhoso ou não, tem nos mapas uma representação no plano horizontal ou no horizonte. O uso de mapas para nos orientarmos necessita ser articulado com uma bússola cuja agulha nos indica a direção do norte magnético (NM) que varia segundo nossas coordenadas sobre o globo (latitude e longitude respectivas a meridianos e paralelos) e aponta para o polo magnético da Terra. As correções para se conhecer o norte geográfico (NG) a partir de um mapa como o do IBGE de Cornélio Procópio (Região Sul do Brasil na escala 1:50.000) aparecem na parte de baixo da folha. Pelo esquema da Figura 10, NQ é o ‘norte da quadrícula’ que nesse tipo de projeção representa como se fossem calotas da “casca” esférica do globo terrestre transformadas em um plano cartesiano com meridianos e paralelos perpendiculares entre si<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Para saber mais sobre os “três nortes” e projeções cartográficas com as representações do globo terrestre em mapas planisféricos ver as duas apresentações seguintes: QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. Elementos de Cartografia Sistemática, e-disciplinas, São Paulo: USP, 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/392169/mod\\_resource/content/1/nortes%20da%20carta.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/392169/mod_resource/content/1/nortes%20da%20carta.pdf). Acesso em: 15 dez 2021.

GORAYEB, A. Coordenadas UTM Universal Transversa de Mercator [UTM], Laboratório de Geoprocessamento e Cartografia Social (LABOCART), Geografia - UFC, 2020. Disponível em: [http://www.labocart.ufc.br/wp-content/uploads/2020/08/Coordenadas\\_UTM.pdf](http://www.labocart.ufc.br/wp-content/uploads/2020/08/Coordenadas_UTM.pdf). Acesso em: 15 dez 2021.

**Figura 10** - Indicadores de correção dos nortes magnético (NM) e da quadrícula (NQ) em Cornélio Procópio (PR) para se lidar com a bússola e saber o sentido do norte geográfico usando os mapas regionais do Brasil em escalas 1:50.000 do IBGE

DECLINAÇÃO MAGNÉTICA EM 1990,0  
E CONVERGÊNCIA MERIDIANA PLANA  
DO CENTRO DA FOLHA



A DECLINAÇÃO MAGNÉTICA  
CRESCE -8' ANUALMENTE

FONTE: MAPA MAGNÉTICO DO BRASIL - 1985,0  
CNPq - OBSERVATÓRIO NACIONAL

Usar exclusivamente os dados numéricos

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1990

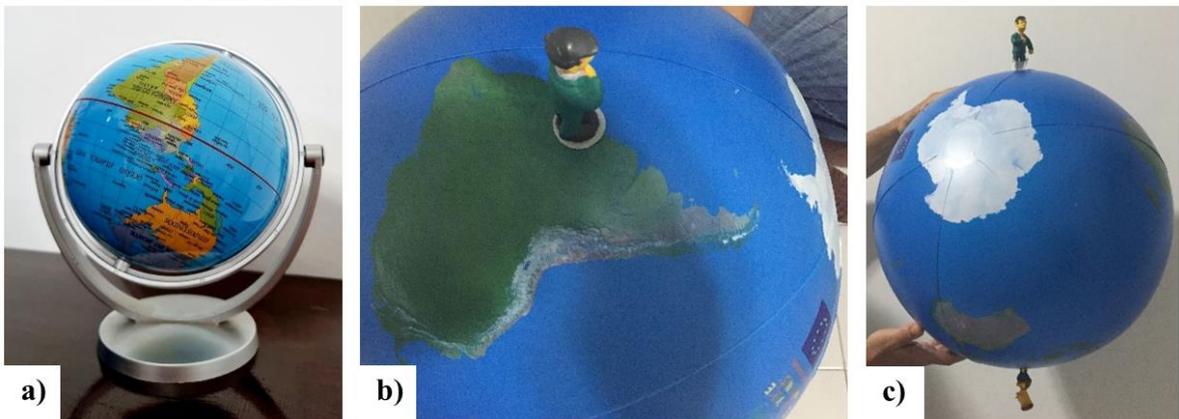
Das considerações sobre as nomenclaturas ou textos nos mapas, pode-se perceber que um mapa representa é o território e seus acidentes. Portanto, à exceção dos mapas de ruas de escala maior, cujo texto se adapta às direções das ruas, indo-se em direção a escalas menores, o texto alinhado horizontalmente passa a ser uma simples superposição de duas coisas totalmente diferentes e independentes em representação e significado: o mapa e o texto. Um mapa sem texto descondiciona o usuário da "obrigação" de definir um acima e um abaixo pelo texto, a não ser que ele coloque o Norte acima por alguma razão de hábito ou de geopolítica ligada a um Norte hegemônico e eurocêntrico.

No caso dos globos terrestres e os mapas planisférios, estes representam a Terra em escalas muito menores, da ordem de 1:100.000.000. Como nos mapas, a nomenclatura é disposta segundo um alinhamento horizontal, à exceção de alguns acidentes geográficos alongados entre estreitos e golfos. Vemos que também nesse caso, o condicionante escolhido é aquele do suposto berço da civilização e o texto escolhido faz parte da hegemonia deixando o Norte acima e o Sul abaixo. Apesar de que existam poucos globos como apenas bolas sem texto, a maioria tem texto e é sustentada por arcos e, sobretudo, uma base ou pé que nada tem a ver com o que o globo deveria representar. Os únicos pés que fazem sentido num globo são os

nosso quando nos colocamos de pé no horizonte pisado e que a nossa vertical – como o fio de prumo do pedreiro - “fura” o nosso horizonte em direção ao centro da Terra.

Se quisermos estabelecer uma analogia entre nossa posição de pé nalgum lugar – por exemplo no Rio de Janeiro - e a nossa representação como um boneco de pé num globo terrestre, teremos que girar o globo para deslocar a cidade-ponto Rio de Janeiro até que ela fique no ponto mais alto (cume do globo) para poder ser imaginada tangente a um plano horizontal paralelo ao horizonte no qual pisamos. Para isso teremos que recorrer a um globo terrestre diferente dos convencionais que têm apenas um grau de liberdade (rotação em torno do eixo polar) e optar por um globo do tipo com dois graus de liberdade como o da Figura 11 a). Esses dois graus são: 1. rotação em torno do eixo polar; 2. rotação complementar de um círculo meridiano externo ao globo em torno de um eixo horizontal. Com dois graus de liberdade poderemos realizar a representação da Figura 11 b): boneco de pé no Rio de Janeiro representado num globo inflável, ou seja, colocar o boneco na mesma vertical de quem, na figura, está segurando a bola de pés no chão. A Figura 11 c) mostra um carioca e um japonês de pé em cada um de seus chãos respectivos<sup>13</sup>.

**Figura 11** - a) Globo terrestre com dois graus de liberdade que apesar da base (pé) e das nomenclaturas que “levam” o Norte para cima, permite fazer o que mostra, por exemplo, a Figura 11 b); b) Boneco de pé no plano do horizonte do Rio de Janeiro que no globo se fez paralelo ao plano do chão no qual se vê uma ponta de pé pisando num chão do Rio de Janeiro c) O boneco carioca de pé no Rio de Janeiro e seu antípoda japonês de pé em Tóquio



Fonte: Acervo do autor

<sup>13</sup> Agradeço à amiga astrônoma Carolina de Assis Costa Moreira (Museu Ciência e Vida, Fundação Cecierj, Duque de Caxias, RJ) pelo inestimável presente do globo inflável e sem “texto” que me permitiu trabalhar essas representações. O artefato adicional se compõe de bonecos com os pés colados em pequenos ímãs colados por sua vez em tampas de refrigerante. O que sustenta os bonecos de pé são muitas esferas de aço pequenas introduzidas – por exemplo, com um fósforo - pela válvula no interior da bola. Para dois bonecos, uma cuidadosa agitação da bola acaba concentrando as bilhas nos pés de ambos os bonecos.

Percebe-se que desde que buscamos no presente texto as referências para a discussão de globos e mapas, houve uma notável persistência do Norte como hemisfério e também do norte como sentido de orientação. Pior ainda foi que ao buscarmos o verbete nortear em dicionários como, por exemplo o Dicio (Dicionário Online de Português), além do significado corrente de nortear como “seguir a caminho do norte ou caminhar nessa direção” do norte, aparece também a incômoda conotação seguinte:

Nortear - Orientar; ser levado ou guiar-se numa determinada direção intelectual, moral, ética etc.: a caridade nortearia a sua vida; nortear-se por critérios religiosos; mudanças no governo vão nortear novos projetos na câmara (NORTEAR, 2021).

Sobretudo, a menção a nortear-se “numa determinada direção intelectual, moral, ética etc.” desloca o ponto de aplicação que até aqui foi focado na orientação espacial para aspectos subjetivos, hegemônicos e ideológicos. Essas denotações e conotações ligam-se agora aos aspectos do eurocentrismo e da colonialidade, aos quais reagem os do Sul e os subalternos em geral numa luta pela decolonialidade. Esses ranços de um passado histórico colonial e de um presente no qual manifesta-se ou se entranha a colonialidade, sempre existiu contra países ditos em desenvolvimento, incluindo populações em condições de subalternidade. Estas mantêm presentes as memórias individuais e coletivas desde o fim histórico do colonialismo que em muitos casos disfarçou de alguma forma certa “independência” das antigas colônias. A colonialidade hoje presente, explicitamente ou não, representa-se nos atingidos pelas formas atuais de manutenção de subalternidades e naquilo que – poderíamos dizer – “ficou arraigado bem aqui no peito” desde os tempos coloniais. Essas questões podem ser aprofundadas no capítulo “Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos” de Edgardo Lander (LANDER, 2005) e nos outros capítulos da excelente coletânea por ele organizada: “A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas” (LANDER, 2005a). Sugiro também o Editorial do Dossiê Sulear no qual apresento alguns aspectos gerais em torno da decolonialidade e da Proposta SULEar (CAMPOS, 2019a).

### **Inspirações passadas e presentes para o SULEar**

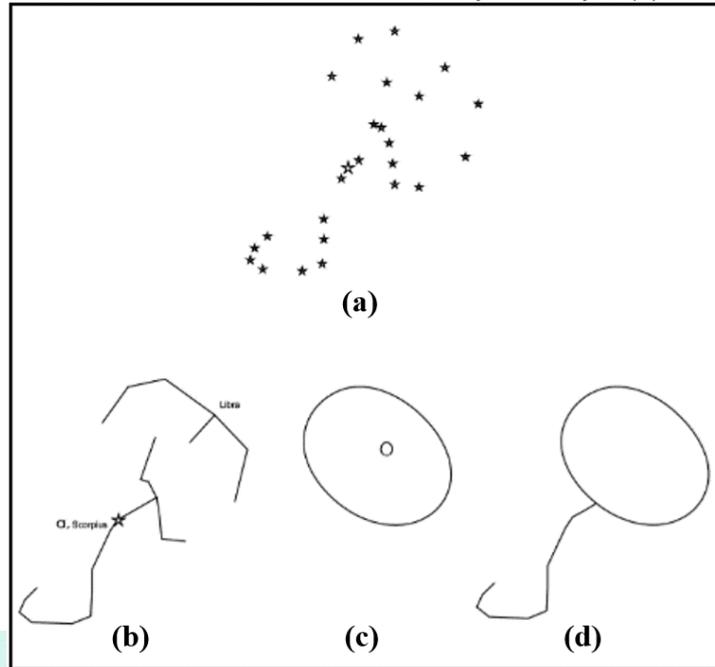
SULEar, termo que criei em 1991, surge de muitos interesses entre os quais foi inicialmente o de rever alguns aspectos da educação infantil nos primeiros anos do ensino fundamental. Como vimos, daí a abordagem ampliou-se para outras populações nos seus

aspectos socioculturais, ideológicos e geopolíticos, fossem eles nacionais, hemisféricos ou globais. Essas ampliações envolveram a construção de saberes e práticas sobre as relações céu-terra, os diversos “mundos” que constituem as muitas terras (ou horizontes) e os diversos céus de cada povo. Tudo isso dentro da enorme diversidade cultural desse Planeta. Exemplificando essa ideia de diversos mundos a Figura 12 mostra três conjuntos de estrelas (constelações) nas interpretações e denominações da nossa sociedade, dita ocidental assim como de duas sociedades indígenas: Tapirapé e Barasana. Por outro lado, a Figura 13 mostra diversos mundos representados nas visões individuais de distintas crianças caiçaras da Praia de Camburi (Ubatuba, SP) ao responder à pergunta “Como é o mundo?”.

No caso das crianças, percebe-se que essas ideias ficam tão arraigadas e reforçadas pelo globo terrestre “de pé” sobre uma base espúria e o Sul para baixo, que prejudicam ainda mais as conotações preconceituosas culturais e políticas do Sul. Além disso, misturam-se as noções geométricas sobre esférico e circular com a palavra imprecisa ‘redondo’ que parece englobar círculo e esfera. Alguns desses problemas já levantados são bastante perceptíveis e estão bem ilustrados e elaborados na dissertação de mestrado em educação matemática de Sônia Maria Clareto<sup>14</sup> (1993) que numa pesquisa etnográfica, investigou alunos entre 8 e 12 anos da escola primária de Camburi, pequena comunidade de pescadores-agricultores no litoral norte do Estado de São Paulo (Brasil). Nota-se, por exemplo, que o fato do Sul ser imposto pela hegemonia como “a parte de baixo do globo”, faz com que as crianças se desenhem colocadas na parte de baixo, mas do lado de dentro do círculo-globo (!) para poderem se sentir de pé na representação do desenho na folha de papel. Isso contraria o modo mais realista como o boneco japonês foi mostrado na figura que opunha dois personagens em Tóquio e no Rio de Janeiro no globo inflável da Figura 11 c). Nela valeu a lei da gravitação universal e as verticais ao longo de cada personagem que convergiam para o centro da Terra.

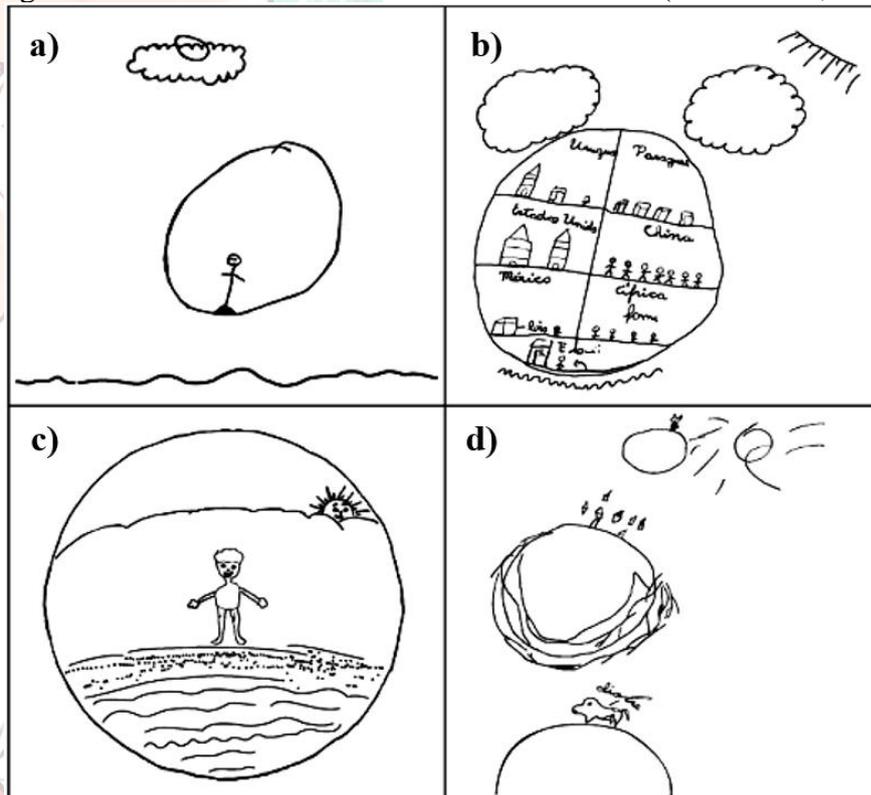
<sup>14</sup> Note-se que este que vos escreve foi o orientador dessa dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro (SP) em 1993. Caiçara é a denominação usada para pescadores-agricultores, em geral de descendência europeia, que vivem no litoral do Sul e do Sudeste do Brasil. Para aspectos relativos a relações céu-terra e referenciais espaciais entre caiçaras da ilha dos Búzios ver Campos (2005; 1982).

**Figura 12** - Para um mesmo conjunto de estrelas que a sociedade dita ocidental denomina separadamente como as constelações Escorpião e Balança (ou Libra) (a), a etnia Tapirapé considera a 'Roda das crianças comendo o rato' (c), enquanto a etnia Barasana interpreta como uma 'Taturana com cabeça de onça' (d)



Fonte: Claretto (1993)

**Figura 13** - Respostas por desenho de crianças caiçaras da Paia de Camburi (Ubatuba (SP) à pergunta de Sônia Maria Claretto: Como é o mundo? (CLARETO, 1993)



Fonte: Claretto (1993)

Se, como vimos aqui, são muitos os “mundos” a considerar, isso tem nos levado a rever a ideia de ‘leitura do mundo’ de Paulo Freire (FREIRE e CAMPOS, 1991) ampliando-a para ‘leitura dos mundos’ da diversidade sociocultural sobre o Planeta (CAMPOS, 2021b, p. 71; CAMPOS, 2021d).

Quanto às inspirações para a criação e o desenvolvimento da Proposta SUEar, elas são muitas e alguns aportes da fase inicial estão representados na Figura 14 a seguir. Esta figura foi destacada da apresentação que fizemos a convite do amigo Alex Trajano, compartilhando trocas com ele e Regina Santiago, professora de matemática e amiga desde os tempos de nossa colaboração com Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo durante gestão da Prefeita Luiza Erundina. A essa figura segue-se na Figura 15, página posterior, o cartaz de divulgação desse evento referido cuja gravação encontra-se disponível (DIALOGNADO..., 2021).

**Figura 14** - Alguns conteúdos básicos e inspiradores da Proposta SUEar. No centro aparece um recorte da primeira página do Site SUEar com tópicos/botões que levam às seções de conteúdo



Da orientação espacial à geopolítica:

O termo SUEar problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo NORTEar (norte: acima, superior; sul: abaixo, inferior), dando visibilidade à ótica do SUL como uma forma de contrariar a lógica eurocêntrica dominante a partir da qual o NORTE é apresentado como referência universal.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sulear>  
[www.sulear.com.br](http://www.sulear.com.br)

Fonte: Acervo do autor

**Figura 15** - Cartaz do evento coordenado por Alex Trajano: Dialogando com Paulo Freire que gerou o presente artigo. Participação de Regina Santiago (matemática) e Marcio D’Olne Campos (física, antropologia). Professores que trabalharam na equipe de Paulo Freire quando Secretário de Educação de São Paulo (SP) na gestão de Luiza Erundina (1989-1993)



**"DIALOGANDO COM PAULO FREIRE: NOVOS DESAFIOS PARA UM NOVO TEMPO"**  
**DIA 05 DE NOVEMBRO DAS 19H00 ÀS 21H00**

**ABERTURA CULTURAL:**  
**ANILÍ REMUS GREGÓRIO**  
 PROFESSORA E POETA

**PALESTRANTES:**

**"A DIALOGICIDADE NA APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NUMA PERSPECTIVA FREIRIANA"**  
**REGINA CÉLIA SANTIAGO DO AMARAL CARVALHO**  
 PROFESSORA MESTRA

**"SABERES SULEADOS: ESCRITAS E LEITURAS DOS MUNDOS"**  
**MARCIO D'OLNE CAMPOS**  
 PROFESSOR DOUTOR - UNICAMP

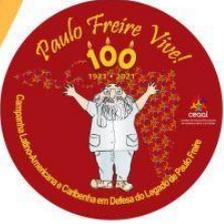
**MEDIADOR:**  
**ALEX TRAJANO**  
 PROFESSOR, PRESIDENTE DA ACECTS / ANLAPP.

**REALIZAÇÃO:**  
**ACECTS**

**A dialogicidade na aprendizagem da matemática numa perspectiva freireana**  
 - Regina Célia Santiago

**Saberes SULEados: escritas e leituras dos/nos mundos**  
 - Marcio D'Olne Campos  
 UNICAMP e Proposta 

**Alex Trajano**  
 Mediador - ACECTS



Fonte: Acervo do autor

Ao lado esquerdo da Figura 17 há a referência Joaquín Torres García, artista plástico e intelectual com marcada preocupação e ação pelas causas sociais referidas na sua ‘A Escola do Sul’ (*La Escuela del Sur*) que já em 1935, foi um crítico perspicaz das marcas do Norte sobre o Sul. Associado ao seu famoso mapa invertido da América do Sul (Figura 14) ele produziu um texto contendo este importante texto:

Uma importante escola de arte teve que ser criada aqui em nosso país. Digo sem nenhuma hesitação: aqui em nosso país. E tenho mil razões para afirmá-lo. Disse Escola do Sul, porque em realidade, nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, a não ser por oposição ao nosso Sul. Por isso, agora colocamos o mapa ao inverso e então temos justa ideia da nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde já, prolongando-se, assinala insistentemente o Sul, nosso Norte. Igualmente a nossa bússola: inclina-se imperdoavelmente sempre para o Sul, para o nosso polo. Os navios, quando partem daqui, descem, não sobem como antes, a fim de partirem para o norte. Porque o Norte agora está abaixo. O nascente, posicionando-nos de frente para o nosso sul, está à nossa esquerda. Esta retificação era necessária; por isso agora nós sabemos onde estamos. (TORRES-GARCÍA, 1935, p. 53)<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> É sabido que o texto editado por Ramirez foi publicado em TORRES GARCÍA, Joaquín. **Universalismo Constructivo**. Buenos Aires: Ed. Poseidón, 1941. No entanto, esta é uma publicação difícil de encontrar.

Como vimos na Figura 3, por autoria de Ítalo Fellipe Gardiman Damasceno (Universidade do Estado de Minas Gerais), vemos aqui também a caricatura de Paulo Freire sobre um planisfério invertido no qual o Patrono da Educação Brasileira aponta com os dois indicadores para o Sul e para cima. Esta figura é extraída da capa da Revista Interdisciplinar Sulear para a qual organizamos um número especial com doze artigos de abordagem decolonial interdisciplinar contidos no Dossiê Sulear (CAMPOS, 2019). Ainda na figura, Paulo Freire aparece ao alto à direita no extrato da capa de seu livro “Pedagogia da Esperança” (FREIRE, 1992, p. 24, p. 218) no qual ele usou o termo SULEar, como já citado anteriormente. Freire estimulou muito o desenvolvimento da Proposta SULEar e algumas das noções que criou têm sido fundamentais para o desenvolvimento da proposta como, por exemplo, ‘leitura do mundo’, ‘problematização’, ‘situações limites’, ‘inédito viável’ (FREIRE, 1981; CAMPOS, 2021a). O disco central é um recorte da seção inicial do Site SULEar (<[www.sulear.com.br](http://www.sulear.com.br)>) com os “botões” que levam a cada seção. E por fim apresenta-se o significado de SULEar, extraído do verbete da Wikipédia:

O vocábulo [SULEar] é um posicionamento crítico às representações geradas pelas referências espaciais e de orientação entre o eixo Norte-Sul e as tensões oriundas dessa relação. Tais representações transcendem para as leituras do mundo, os pontos de vista, através da História, da Geografia, da Literatura e das falas que marcam as percepções do entorno.

O termo sulear problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo nortear (norte: acima, superior; sul: abaixo, inferior), dando visibilidade à ótica do sul como uma forma de contrariar a lógica eurocêntrica dominante a partir da qual o norte é apresentado como referência universal. (CAMPOS, 2021c).

Alguns motivos de inspiração para a proposta SULEar podem ser encontrados no Site SULEar em vários comentários e citações, sobretudo, na seção ‘Curtas: Novos olhares SULEados com comentários, opiniões, ideias, crônicas e sugestões para a sala de aula’<sup>16</sup>.

Ressalto que Mario Benedetti (1920-2009), intelectual uruguaio com uma diversificada e magistral produção literária, sempre nos deu e sempre dará motes para reflexões e posturas SULEadas. No Quadro 1, página a seguir, seu poema “*El Sur También Existe*” (BENEDETTI, 1986) ilustra as oposições hemisféricas Norte/Sul e as cardeais norte/sul para o que dispusemos o texto sob uma ordem cartograficamente NORTEada a fim de respeitar a magistral ironia de Benedetti. Segue também uma tradução deste poema por um competente amigo, antropólogo,

<sup>16</sup> Disponível em <<https://sulear.com.br/beta3/curtas>>. Acesso em 17 dez. 2021.

exímio violonista e cantor gaúcho Demétrio Xavier<sup>17</sup> que é sempre um competente difusor dos “Cantos do Sul da Terra”. Esta poesia também mereceu ser musicada e cantada pelo catalão Juan Manuel Serrat<sup>18</sup> do qual segue seu belo introito por minha tradução livre:

“Nem sempre o Norte e o Sul coincidem com o norte e o sul geográficos, com os pontos cardiais.  
É que sempre cada norte tem um sul e cada sul tem um norte  
Eu digo que o Norte é o poder e que o Sul é tudo aquilo que luta contra a injustiça.  
E digo que o Norte é o dinheiro e o Sul a fome.  
Que o Norte é o passado e o Sul o porvir.  
Que o Norte é o medo e o Sul é a esperança.  
Que o Norte é a força, o Sul a astúcia.  
Eu digo que o Norte é a pressa e o sul a paciência.”

### Quadro 1 - “El Sur también Existe” de Mario Benedetti

El Sur También Existe		
Mario Benedetti		
Con su ritual de acero, sus grandes chimeneas, sus sabios clandestinos, su canto de sirenas, sus cielos de neón, sus ventas navideñas, su culto de dios padre y de las charreteras, con sus llaves del reino, el norte es el que ordena.	con sus predicadores, sus gases que envenenan, su escuela de chicago, sus dueños de la tierra, con sus trapos de lujo y su pobre osamenta, sus defensas gastadas, sus gastos de defensa, con su gesta invasora, el norte es el que ordena.	con su corno francés y su academia sueca, su salsa americana y sus llaves inglesas, con todos su misiles y sus enciclopedias, su guerra de galaxias y su saña opulenta, con todos sus laureles, el norte es el que ordena.
pero aquí abajo, abajo, el hambre disponible, recurre al fruto amargo de lo que otros deciden, mientras el tiempo pasa y pasan los desfiles, y se hacen otras cosas que el norte no prohíbe, con su esperanza dura, el sur, el sur también existe	pero aquí abajo, abajo, cada uno en su escondite, hay hombres y mujeres que saben a qué asirse, aprovechando el sol y también los eclipses, apartando lo inútil y usando lo que sirve, con su fe veterana, el sur también existe.	pero aquí abajo, abajo, cerca de las raíces, es donde la memoria ningún recuerdo omite, y hay quienes se desmueren y hay quienes se desviven, y así entre todos logran lo que era un imposible, que todo el mundo sepa, que el sur también existe

Fonte: Acervo do autor

Com essas referências a importantes marcas deixadas por nossas veredas no passado, presente e futuro do cultivo para que tempos, lugares e espaços do Sul ou do Norte, persistam SULEados, prosseguimos para chegarmos ao final desse texto esperando um ou vários recomeços. Recomeços tais como Paulo Freire propõe que problematizemos recorrentemente nossas leituras do(s) mundo(s) e que as soluções encontradas sejam sempre provisórias para deixar espaço para pensar, repensar, ‘reproblematizando sobre o óbvio não pensado’.

<sup>17</sup> “O Sul Também Existe” (M. Benedetti) poema – Tradução e leitura por Demétrio Xavier, (16 set. 2017). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sLLdw5btNGc>>. Acesso em 20 dez. 2021.

<sup>18</sup> Homenaje a Mario Benedetti por Joan Manuel Serrat: “El Sur También Existe” (J. M. Serrat; M. Benedetti). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TaKrfKjloUA>. Acesso em: 20 dez. 2021.

## Considerações provisórias para esperar

Edgar Morin, hoje aos 100 anos, nos lembra numa entrevista de 2019 (MORIN, 2021) que ‘Resistir às incertezas é parte da educação’, Para isso ele ressalta que todo conhecimento é uma tradução e uma reconstrução e, em cada tradução há a possibilidade de erro. É muito importante ensinar a enfrentar o erro.

Esse alerta é de uma importância extraordinária e possibilita um reencontro com, por um lado, Paulo Freire com sua abordagem do inédito viável que, por ser viável, pode ser superado se nos acompanharmos da ‘pedagogia dos sonhos possíveis’, sempre lutando para possibilitá-los e superá-los no constante esperar.

Por outro lado, a reflexão sobre a importância do erro nos leva ao filósofo francês Gaston Bachelard que considera o erro – não o erro do espírito cansado! – mas aquele que se apresenta como um obstáculo epistemológico que não foi superado, mas deve sê-lo na luta dentro da qual o mundo que é lido resiste a se fazer conhecer nas suas “entranhas”, tanto as mais complexas, como aquelas do óbvio que não foi pensado, mas que deveria ser e daí por diante sempre problematizado recorrentemente.

Se, com Morin, a educação deve ser uma forma de resistência às incertezas, devemos nos propor a resistir ao condicionante dos ensinamentos inconsistentes que escorrem do Norte e – não sendo apropriados ao Sul – nos impõem ou, ao contrário, nós aceitamos passivamente “engolir” sem conferir, ou seja, sem problematizar como tentamos mostrar essa necessidade ao longo de todo o presente texto.

Logo terminamos aqui, ainda que provisoriamente, propondo...

### **...SULear como uma forma de resistência...**

a um ensino NORTEado para resistirmos ao eurocentrismo e à colonialidade em geral, defendendo e lutando por uma educação que não se reduza apenas a ensinar, mas, sobretudo, a...

### **...educar de forma SULEada e decolonial.**



**SULear**



---

## Referências

BAEZ LANDA, M. Buscando um Norte às avessas. In: Sulear vs NORTEar, Sítio SULEar. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BAEZ LANDA, M. SUREando al Norte, migraciones México-centroamericanas re-colonizando el Gabacho. **Revista Interdisciplinar Sulear**, Dossiê Sulear, Ibirité-MG: UENG, ano 2, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4144>. Acesso em: 6 dez. 2021.

BENEDETTI, M. El sur también existe. In: BENEDETTI, M. **Preguntas al azar**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1986, p. 153-154.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer, Petrópolis, Vozes, 1998.

CAMPOS, M. D. Paulo Freire entre a boniteza do ato de amar e a boniteza do ato de educar. In: FREIRE, A. M. A. **A palavra boniteza na leitura do mundo de Paulo Freire**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021a. cap. 10, p. 199-235.

CAMPOS, M. D. ENTREVISTA por DE NEZ, Egeslaine. **Revista Panorâmica Online**, v. 3, p. 67-78, Ed. Especial - 100 anos de Paulo Freire: SULEar e esperar no Araguaia. Araguaia-MT: UFMT - Campus Universitário do Araguaia (CUA), 2021b. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica>. Acesso em: 5 dez. 2021.

CAMPOS, M. D. SULEar vs NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia II. In: GOMES DA SILVA, W.; OLIVEIRA, H. S. (Orgs.). **Educação Decolonial e Pedagogia Freireana**: desafios de uma educação emancipatória em um cenário político conservador. 1. ed. Belo Horizonte: Sarerê, 2021c, p. cap. 2, p. 36-68. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2021/10/SILVA-WG-OLIVEIRA-HS-Edu-Decol-e-Ped-Freireana-2021-eBOOK.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2021.

CAMPOS, M. D. Carta póstuma a Paulo Freire. In: **Cem vozes de corações e mentes**. São Paulo-SP: Coletivo Paulo Freire. 2021d, p. 375-381. Disponível em: <https://www.coletivopaulofreire.org/e-book>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CAMPOS, M. D. Dossiê Sulear, **Revista Interdisciplinar Sulear**, Dossiê Sulear, Ibirité-MG: UENG, ano 2, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/issue/view/277>. Acesso em: 5 dez. 2021.

CAMPOS, M. D. Editorial, **Revista Interdisciplinar Sulear**, Dossiê Sulear, Ibirité-MG: UENG, ano 2, n. 2, 2019a. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4139>. Acesso em: 5 dez. 2021.

CAMPOS, M. D. Por que SULEar? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, Dossiê Sulear, Ibirité-MG: UENG, ano 2, n. 2, 2019b. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4140>. Acesso em: 6 dez. 2021.

CAMPOS, M. D. Búzios island: knowledge and belief among a fishing and agricultural community at the coast of the state of São Paulo. In: CHAMBERLAIN, V. Del; CARLSON, J. B.; YOUNG, M. J. (Orgs.). **Songs from the sky**: indigenous, astronomical and cosmological traditions of the world. Bognor Regis/College Park: Ocarina Books/Center for Archaeoastronomy, 2005. p. 236-243. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/04/MDC-BUZIOS-ISLAND-Knowledge-and-Belief-2005.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021

CAMPOS, M. D. SULEar vs NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia. Série Documenta, ano VI, n. 8. EICOS, Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável, Instituto de Psicologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999, p. 41-70. Disponível em: <http://www.sulear.com.br/texto03.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CAMPOS, M. D. Sociedade e natureza: da etnociência à etnografia de saberes e Técnicas. In: **Discussão Teórico- Metodológica**: Aspectos Etnocientíficos, cap. III, pp. III-3.1 a III-3.10, Relatório Técnico-Científico do Projeto Temático FAPESP: Homem, Saber e Natureza, vol. I, Campinas (SP): Aldebarã: Observatório a Olho Nu - UNICAMP (mimeo), 1995, p. 41-43. Disponível em: <https://www.sulear.com.br/texto04.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CAMPOS, M. D. Saber mágico, saber empírico e outros saberes na Ilha dos Búzios. In: EULÁLIO, A. (Ed.). **Caminhos cruzados**: linguagem, antropologia e ciências naturais. São Paulo: Brasiliense 1982. p. 23-32. Disponível em: <https://www.sulear.com.br/texto09.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CLARETO, S. M. **A criança e seus mundos**: céu, terra e mar no olhar de crianças na comunidade caiçara de Camburi (SP). Orientador: Marcio D’Olne Campos. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - UNESP, Rio Claro, São Paulo, 1993.

DIALOGANDO com Paulo Freire – Novos desafios para um novo tempo. Participações de Aneli Remus Gregório, Regina Célia Santiago do Amaral Carvalho, Marcio D’Olne Campos e mediação por Alex Trajano. [S. l, s. n.], 2021. 1 vídeo (2h 51min 16seg). Publicado pelo canal ACECTS (Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos). Disponível em: <https://youtu.be/NrRUwsY9MmY>.

ESCOBAR, A. Desde abajo, por la izquierda, y con la Tierra: SUREando desde Abya Yala/Afro/Latino/América. **Revista Interdisciplinar Sulear**, Ibirité-MG: UENG, ano 2, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4141>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, p. 184, 2014. (Colección Pensamiento vivo). Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/escpos-unaula/20170802050253/pdf\\_460.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/escpos-unaula/20170802050253/pdf_460.pdf). Acesso em: 19 jul. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo - SP: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 [1970, EEUU; 1974, BR]. 222 p.

FREIRE, P.; CAMPOS, M. D. O. Leitura da palavra... leitura do mundo. In: **O correio da UNESCO**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 4-9, 1991. Disponível em: <http://sulear.com.br/texto06.pdf>. Acesso em: 9 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas Geográfico Escolar**. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99345.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cornélio Procópio**. Região sul do Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. 1 folha cartográfica, color., Escala 1:50 000. Folha SF. 22-Z-C-I-2, MI-2759-2. Disponível em [https://geoftp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/folhas\\_topograficas/editoradas/escala\\_50mil/cornelio\\_procopio27592.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/folhas_topograficas/editoradas/escala_50mil/cornelio_procopio27592.pdf). Acesso em: 15 dez. 2021.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. et al. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur. Buenos Aires - Argentina: CLACSO. setembro 2005. p. 21-53. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur. Buenos Aires - Argentina: CLACSO. setembro 2005a. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Lander.rtf>. Acesso em: 6 dez. 2021.

MANAUGH, G. The sun, the grid, and the city. **BLDGBLOG**. [S. l]. 3 de julho de 2007. Disponível em: <https://www.bldgblog.com/2007/07/the-sun-the-grid-and-the-city>. Acesso em: 8 dez. 2021.

MORIN, E. Resistir às incertezas é parte da Educação (entrevista). **Revista Prosa Verso e Arte**, 11 nov., 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Cpen76>. Acesso em: 17 nov. 2021.

MOUTINHO, W. T. Meios de orientação e localização. Geografia. **Cola da Web**. Disponível em: <https://www.coladaweb.com/geografia/meios-orientacao-localizacao>. Acesso em: 10 dez 2021.

NORTEAR. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nortear/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

OLIVEIRA, M. **Tirinhas da Mafalda por temas da Geografia** – Astronomia, Cartografia e Fuso Horário, 2 out. 2020. Disponível em: <https://www.tudogeo.com.br/2020/10/02/mafalda-geografia-astronomia-cartografia-fuso-horario>. Acesso em: 8 dez. 2021.

PORTO-GONÇALVES, C. W. De Geografia e de diversidade: contribuição para um diálogo de saberes. **Revista Interdisciplinar Sulear**, Dossiê Sulear, Ibitaré-MG: UENG, ano 2, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4142>. Acesso em: 6 dez. 2021.

---

RAMOS, M. **Rosa-dos-ventos**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=805&sid=3>. Acesso em: 9 set. 2021.

ROIG, A. A. Pensar la mundialización desde el sur. **Huellas**: búsquedas en artes y diseño, n. 2, p. 15-20, 2002. Disponível em: [https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos\\_digitales/1271/roighuellas2.pdf](https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/1271/roighuellas2.pdf). Acesso em: 15 dez. 2021.

RONAN, C. A. **Los amantes de la astronomía**. Barcelona, Editorial Blume, 1982.

RONAN, C. A. **The Practical Astronomer**, London: Macmillan, 1981.

TORRES-GARCÍA, J. The School of the South (Uruguay, February 1935). In: RAMÍREZ, M. C. (Ed.). **El Taller Torres-García**: the school of the South and its legacy. Austin: University of Texas Press, 1992. p 53-57.

